

"O LABIRINTO DAS SERPENTES: XILOGRAVURAS DE CLÁUDIA SPERB"

Prof. Dr. Marcos Ferreira Santos,
CICE, FEUSP.

A mão guia os devaneios em sulcos profundos aprendendo as trilhas das fibras da madeira. Seus sonhos vigorosos se embalam no leito da goiva. Incisiva, a calha de ferro corta a carne macia, resistente e amante do cedro, singrando ferpas que caem no chão como o espírito que deixa o imaginário e se concretiza nas linhas sinuosas da matriz. Seus calos nas mãos de menina atestam o poder da vontade sobre a matéria e, ao mesmo tempo, a sedução da matéria sobre a alma. A forma oblonga se recheia de padrões, desenhos, texturas que se imbricam como os retalhos do casaco de um arlequim. Salta a serpente do relevo gravado pacientemente sobre a antiga face lisa do torel. Parece se movimentar. Na realidade, se movimenta sob os nossos olhos d'alma que reconhecem em sua rodilha, a busca do centro, o esquema cíclico do eterno retorno, a circunferência que está dentro de nós e o centro que está em toda parte. Diz um mytho hindustani que o universo foi criado por uma grande serpente que, ao se enrodilhar, abraçou todas as estrelas que passaram a ornar a sua pele. Sua cabeça e sua cauda se aproximam no labirinto que se forma.

Cláudia Sperb, a menina das mãos trabalhadoras busca este centro. Com exposições em Valência (Espanha, 1987), Taipei (China, 1991 e 1992), Havana (Cuba, 1991), Calcutá (Índia, 1991), Rio Grande do Sul (1991, 1995 e 1996), no Instituto Butantan (1996), além de sempre exercitar oficinas de xilogravura, agora nos contempla com seu trabalho na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, durante o *I Encontro sobre Imaginário, Cultura e Educação*, do CICE – Centro de Investigações do Imaginário, Culturanálise de Grupos e Educação. Encantada pela serpente ancestral que não tem patas, não ouve, não diz, mas que, contraditoriamente, nos leva, nos escuta e tudo nos fala em seu silêncio arquetipal, em sua presença atenta e em seu movimento rastejante, a leitora de *Bachelard* e de *Valéry* sabe que a busca é a resposta. Ao mesmo tempo em que grava sobre a madeira, prepara a matriz, imprime com a mão (ela não usa prensas) seu espírito que renasce na delicada folha de papel japonês com o negrume e o dourado das tinturas, e ensina. Com a fala cantada de quem nasceu no céu às avessas do pampa, docemente educa a mão e a vontade do operário, da criança, do incrédulo tímido e do curioso candidato a artesão. Em 1991 trabalhou com operários da construção civil. Sua maestria cultivava mestres futuros nos aprendizes de hoje que navegam indecisos na proa da goiva, sulcando na face receptiva da madeira, suas próprias imagens.

Cláudia ouviu de um contador de histórias sobre a troca de pele das serpentes que precisam crescer e de nossas peles sensíveis que, igualmente, trocamos quando crescemos na alma. Não tem dúvidas: lá está a padronagem da serpente sobre a superfície e a insinuante serpente branca, vazia, luminosa, crescendo... Ouviu também sobre a demorada e terna cópula de até 72 horas. Se deixa guiar fielmente pela imagem e lá está: duas serpentes que se entrelaçam feito arabesco e cujas texturas se confundem, ternamente, no fogo das chamas que fazem das fibras da madeira, a ramagem pictórica do ritmo da criação – o vai-e-vem, sístole e diástole das raízes. Não é o próprio Bachelard que nos diz que a madeira secreta o fogo em seu interior?

Em outro devaneio, a alma explode e a xilogravura mostra a pele aberta da serpente: estriada, raiada, exposta e plana como um corte histológico do tronco verticalizante da árvore. O jogo geométrico dos detalhes oculta a composição viva dos fractais de nossa sensibilidade. E novamente se funde na impressão a pele e a fibra – a *razão sensível* e a vontade – num momento de repouso em que deslizamos pelo labirinto até o vórtice e a vertigem. Cláudia nos remete para dentro de nós mesmos. Nos serpenteia as profundezas quando vemos a superfície matizada do papel. Aprendeu com a serpente os mistérios do *oroboros*: ciclo que se repete na constância do fluxo do tempo. A madeira sobre a qual forja a matriz também é a madeira-mãe do papel sobre o qual se imprime a xilogravura. A arte milenar chinesa se atualiza sob os olhos luminosamente azuis da menina-mãe que, incessantemente, trabalha, talha, grava a vida, engravida...

A serpente se sublima. Evapora como sílfide e nos fica a brisa leve de sua ascensão/mergulho ao reino do eterno recomeço. Então, Sperb usa a forja vigorosa de suas pequenas mãos para matriciar a pele que ficou. Delicadas e esvoaçantes tiras de pele suspensas no ar nos atraem a mão, a face, o corpo todo e, se fiéis à força da imagem, nos enredamos no interior desta instalação, tal como meninos e meninas entre as caudas das pipas que, lá encima, enamoram Bóreas e os Zéfiros.

Como as serpentes de madeira que os africanos deixam sobre a cama para engravidar a mulher, Cláudia nos engravida de devaneios no serpentear da busca. Gravita entre os quatro elementos para nos lembrar do devaneio, da vontade, do repouso e da intimidade, do movimento. Com fibra, esculpe as fibras da vida e da madeira. Rompe aqui, aprofunda ali, segue-as acolá. Ao final, o ciclo repete: serpente e raiz, madeira e papel, resina e tinta. No olhar que busca, o silêncio, serpentinamente, tudo fala.

*Na redoma verde e hermesiana do Instituto Butantan,
abril de 1998.*